

# O Deus que se fez Humano: uma Teologia que encarna os Direitos Humanos

Igor Januário da Silva  
Philippe Alcantara Gebara Tavares

## *A GOD WHO MADE HIMSELF HUMAN: A THEOLOGY WHICH EMBODIES HUMAN RIGHTS*

### **RESUMO:**

Os Direitos Humanos permanecem como desafio no horizonte do homem contemporâneo, embora tenham recebido ampla projeção. Em um mundo secularizado e ao mesmo tempo fundamentalista, a Teologia, mais do que nunca, é interpelada a lançar a sua voz em defesa dos flagelados e oprimidos. Mas, para tal, não pode deixar também de entrar no átrio do debate epistemológico, em que precisa mostrar as razões de sua ainda atual relevância.

*Palavras-chave: fé; teologia fundamental; direitos fundamentais; sexualidade; violência*

### **ABSTRACT:**

Human Rights remain as a challenge on the horizon of the contemporary man, although they have received a wide projection. In a secularized and at the same time fundamentalist world, Theology, more than ever, is challenged to launch its voice in defense of flagellates and oppressed. But to do so, it cannot fail to enter in the atrium of the epistemological debate, where it must show the reasons for its still present relevance.

*Keywords: faith; fundamental theology, fundamental rights, sexuality; violence*

## INTRODUÇÃO

Os Direitos Humanos não são um projeto novo, nem original de nossa época, mas ganham, hoje, uma projeção inédita. Poderíamos dizer, sem autoexaltação, que o Cristianismo é pai dos Direitos Humanos<sup>1</sup>. Mas, em tempos de secularismo, quando a religião tem pouco espaço no debate público, e quando esses direitos fundamentais já foram autonomamente apropriados pela esfera laical, teria ainda o Cristianismo algo sobre o qual se pronunciar?

Para estabelecer esse diálogo entre modernidade e religião, entre razão e fé, não podemos recorrer a outro pensamento senão ao da Teologia. Embora pouco conhecida, é uma disciplina que segue um método de pesquisa muito sério e rígido; é um campo de reflexão que ainda tem muitos *insights* interessantes a oferecer. A Teologia reflete criticamente sobre os dados da fé (no nosso caso, cristã); e sobre a sua possível relação com a razão. Se assim o é, pode a Teologia, diante de tantas posições religiosas fundamentalistas que vemos hoje e vimos tantas vezes no passado, falar algo *novo* sobre a liberdade de expressão e de culto? Sobre a sexualidade, o gênero? Sobre a juventude? Sobre a pobreza que assola tantas regiões e impede o desenvolvimento do ser humano? Sobre a possibilidade de recuperar *dignidades*? Sobre o tráfico humano? Sobre o direito dos imigrantes, especialmente diante da crise migratória tal qual presenciamos hoje entre a Síria e a Europa? Sobre o desmatamento e a poluição de nossa Casa Comum? Sobre os problemas sociais para os quais as velhas respostas já não servem mais? Em suma, teria a Teologia algo para falar sobre os Direitos Humanos a que tanto buscam aqueles homens e mulheres comprometidos com a sociedade, sedentos de paz, de justiça e de dignidade?

Sabemos que o momento político em que vivemos é delicado: presenciamos um avolumamento do movimento conservador e um fortalecimento das direitas extremistas. Lamentando esse quadro, o ator Wagner Moura testemunha que “[v]ivemos um evidente retrocesso em quase todas as áreas, (...) [estamos em] um péssimo momento para a defesa dos direitos humanos, dos direitos civis, da tolerância religiosa, da ecologia, da sustentabilidade, dos projetos sociais, da transferência de renda etc. O pessoal perdeu a vergonha” (MOURA, 2016). Diz-se hoje, inclusive, o bordão “direitos humanos para humanos direitos”, como se só pudessem ser sujeitos dos direitos humanos as pessoas que fossem “direitas”, os “bons cidadãos”, que supostamente teriam mais méritos para ter a condição que têm, quase se esquecendo que, desde nascidos, tiveram um lar, uma boa educação e uma boa estrutura familiar.

Mas a Teologia, assim como o seu Mestre, Jesus, se põe ao lado dos marginalizados e excluídos; inverte a lógica social, sai do lugar-comum, e rompe com os “bons costumes”. O que importa é o homem, a mulher, o ser humano. Isto é, o homem vivo. A mulher viva.

A *vera theologia* se faz a partir do Cristo, desse Jesus, de uma maneira muito concreta, percorrendo junto a Ele os caminhos da Galileia:

<sup>1</sup>“(…) [Q]uando os antigos só tinham uma moral, só conheciam vagos deveres de humanidade e de benevolência, ao passo que por tanto tempo se abandonaram os pobres à “caridade” de seus opressores, dezoito séculos depois do Evangelho adveio o progresso decisivo, que estamos consolidando: de agora em diante, garantimos direitos a todos os homens.” (VILLEY, 2007).

Si no conocemos el lenguaje humano de Jesús, sus parábolas, su mensaje del reino de Dios..., no se conocerá en nuestras parroquias y comunidades la Buena Noticia que Dios nos ha querido revelar por medio de su Hijo encarnado. Si no conocemos la trayectoria profética de Jesús curando enfermos, defendiendo a los pobres o perdonando a los pecadores, no sabremos sus seguidores cómo hacer un mundo más humano, justo y fraterno, según el deseo de Dios (PAGOLA, 2016).

Para Pagola, a imagem que fazemos de Jesus está subjacente à compreensão e ao modo de viver de cada cristão. Não de uma maneira “inocente” ou óbvia, mas de um modo determinante e fundamental. Cada aspecto da maneira com que entendemos e vivemos a fé é limitada e condicionada por essa imagem que produzimos de Jesus. Quanto mais nos afastamos do “caminho” de Jesus – aqui em sentido preciso: de sua ação concreta em favor dos pobres e desfavorecidos da Palestina, mais teremos “una imagen empobrecida, unilateral, parcial o falsa de la fe” que irremediavelmente nos levará a viver a nossa fé “de manera empobrecida, unilateral, parcial o falsa” (Idem). Quantos cristãos não perdem o seu tempo com detalhes e questões sem importância, tão distantes da vida e missão de Jesus! São condenações sem misericórdia, imputações de uma suposta culpa, expressões de moralismo sem “conteúdo”, querelas teológicas, disputas institucionais ou interinstitucionais, promessas vazias de prosperidade material ou de bem-estar espiritual (de uma espiritualidade abstrata, e não inserida na vida), só para citar alguns exemplos, que mais põem obstáculos aos que se achegam, aos que têm “sede de água viva”, do que contribuem para a sua libertação através da “*vera fides*”, da “verdadeira fé”, que tanto se tenta estabelecer.

Como, então, podemos caminhar com Jesus, em via de libertação, especialmente diante dos desafios contemporâneos? Para tal, o nosso percurso, ora “passeio”, ora “peregrinação”, ora até “*via crucis*”, concentrar-se-á, na impossibilidade de abranger todos, em dois temas tão polêmicos quanto importantes: Sexualidade e, em seguida, Violência. Fizemos essa escolha porque consideramos que a dimensão afetivossexual é a parte mais delicada do desenvolvimento da pessoa, o qual é considerado um direito humano fundamental, segundo a ONU<sup>2</sup>, embora seja muitíssimo negligenciada, e o tomamos como fonte de todos os outros; e porque julgamos que a presença da violência é o principal obstáculo para a promoção dos direitos humanos, para a preservação da dignidade da pessoa e para o seu citado desenvolvimento. Numa era que se rebelou contra a excessiva culpabilização do corpo e da sexualidade, o primeiro tema é cada vez mais premente; e quando os instintos agressivos e violentos grassam, e a paz parece se tornar cada vez mais distante, inclusive em nosso cotidiano, nas favelas, periferias e ruas, o segundo tema não perde a sua relevância. Investigaremos ambos através de um caminho muito peculiar, que abre, como veremos, muito horizontes: o método da Teologia Fundamental. Inspirados pelo pensamento do recém-falecido Pe. João Batista Libânio, teólogo que muito se dedicou a essa área da reflexão teológica, e que lançou novas luzes a temas pouco explorados de nossa humanidade em ambiente teológico, buscaremos seguir essa trilha com a esperança de trazer um pouco da renovação, que brota do Cristo vivo, aos ensinamentos da Igreja Católica e, quiçá, aos de todo o universo

<sup>2</sup>“O indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade” (Art. 29, no. 1) (ONU, 1948)

de igrejas cristãs. Assim, esperamos definir melhor os desafios da contemporaneidade de modo a apontar para possíveis saídas. A Teologia Fundamental é uma introdução ao pensar teológico; não apenas como um preâmbulo, uma “palhinha”, mas como uma fundação, uma reflexão sobre as condições de possibilidade de sua própria existência. Ela se pergunta sobre quais termos se pode dar a Teologia, em diálogo com as demais ciências e em face da verdade, sob maneira zetética<sup>3</sup> e crítica. Não é um pensamento dogmático, mas um pensamento que, de um lado, inevitavelmente inspirado pelas verdades de fé, e de outro, autenticamente interpelado pelas exigências das Ciências Sociais, da Psicologia, da História, e da Filosofia (só para citar alguns exemplos), questiona-se sobre qual é, de fato, a verdade do dogma, o seu núcleo mais central, além de modos de expressão circunscritos à dada época; e busca alcançar o seu âmago, onde pulsa a Revelação viva – o que Deus quer, de fato, falar, por amor intenso pela humanidade – e onde o humano, a verdade que humaniza, pode ser encontrado.

---

<sup>3</sup>Zetética: isto é, investigativa.

## SEXUALIDADE

A dimensão sexual de cada pessoa é fundamental para a sua felicidade. Mas, ao contrário do que parece, e do que a revolução sexual dos anos 60 sugeriu, a sua realização e bem-estar plenos não advêm do número de experiências sexuais usufruídas, muito menos da variedade de parceiros(as). A dimensão da sexualidade é muito mais que a junção de corpos e o prazer daí obtido; envolve a afetividade, a expressão de nossos sentimentos, e, mais ainda, a integralidade da pessoa, a sua personalidade, a sua psicologia e a sua autorrealização. É certo que é uma potência fortíssima e impetuosa, muitas vezes difícil de ser domada e controlada. E isso conduz a pessoa a não raro se perder em experiências que estão aquém de suas expectativas, aquém de sua dignidade. Logicamente, busca-se mais que uma sensação bioquímica de gozo fugaz. Busca-se sentido, busca-se felicidade, algo que nos tire do tédio de cada dia. “Aventuras” podem até quebrar o ritmo monótono da passagem dos dias. Mas logo se percebe que não trazem resposta aos momentos de solidão e de inquietude existencial. E o que traria? A mera presença de uma outra pessoa ao lado? Bem sabemos que casamentos podem também não ser felizes. E, mesmo que sempre o fossem, o que diríamos para as pessoas solteiras, cuja busca por alguém pode não ser tão breve, e para as pessoas viúvas, que decidem, não por vezes sem dificuldade, manter a sua entrega total ao cônjuge ou parceiro já falecido?

De acordo com a psicologia, a energia sexual-afetiva está ligada ao desejo, e o desejo se expressa de diversas maneiras, mesmo que em relação a coisas aparentemente “inocentes”. O desejo é a força da vida, que nos move de uma realização à outra. O desejo é investido em cada ação que visa um objetivo. Por mais que não se possua um companheiro, é preciso ver com muito cuidado como se lida com essa energia sexual, energia de vida – especialmente quanto aos adolescentes. Um sadio investimento do desejo e uma sadia vivência da sexualidade-afetividade estão relacionadas a que tipo de projeto de vida se é concebido, na dimensão mais profunda de nosso ser, e ao modo como esse projeto é levado a termo, em cada ação ou pensamento do cotidiano. Mas aqui não é preciso recuperar os velhos escrúpulos da Moral para preservar a necessidade de uma educação dos afetos (constante na vida do ser humano) e a busca pela aquisição de uma personalidade saudável, que, ao afinal, parecia ser o objetivo desse sistema que nos foi legado. Não pouco(a) casado(a)s, solteiro(a)s, viúvo(a)s e clérigos (inclusive, bispos) são imaturos afetivamente.

O Concílio Vaticano II recuperou o conceito de consciência dentro de sua fecundidade e originalidade, e superou, assim, o intelectualismo que o caracterizava desde a primeira Escolástica. A “teologia”, como conhecimento do Mistério, e com relação com Deus, com o outro, com a comunidade e com o mundo, em seu sentido mais profundo, vivencial e holístico, volta a contribuir com a noção de consciência moral.

O Novo Testamento propõe uma síntese inovadora das concepções de consciência, racional grega e vitalista semítica, através de São Paulo. A consciência não seria apenas relacionada ao saber intelectual, a um conhecimento objetivo ou à reflexão avaliativa ou judicial, mas, colhendo as intuições vétero-testamentárias, relacionada ao saber do vivido, a um conhecimento pelos sentidos, pela experiência e pela religiosidade, de índole subjetiva (embora não relativista). Mais ainda, a consciência, de forma inovadora para Paulo, corresponde à fé, a uma nova situação ontológica e vivencial da pessoa como obediente/ ouvinte e também como crente em Cristo, pois remete à integralidade da pessoa, a seu “coração”, que se posiciona de maneira profunda e total em relação ao acontecimento salvífico de Cristo (cf. VIDAL, 1999).

Para B. Häring, o homem, criado à imagem do Verbo, é uma palavra. A palavra espera ser acolhida e respondida de forma livre. A palavra é livre. Assim é o homem que, em sua liberdade, deve responder ao apelo de Deus, que o criou para a liberdade, através de Sua própria liberdade. Se Deus cria pelo Verbo, cria pela palavra. O homem é chamado a co-criar por sua palavra e por sua ação, orientadas ambas pela compreensão que lhes dá. E encontra a sua vocação, a sua verdadeira essência, quando a sua palavra, a sua energia de criação, corresponde ao Projeto de Deus, que é o mistério de Sua vontade, expressão de pura liberdade (cf. HÄRING, 1984).

Dessa forma, encarnado no mundo, devo me expressar (dizer o meu sim) de modo criador, criativo, a partir do Outro e do Mundo com os quais me deparo e os quais posso ressignificar. Eles me possibilitam exercer a minha liberdade criativa, e podem me influenciar positivamente quando acolho a sua contribuição, em busca de minha autorrealização no Verbo. Esse cuidado comigo mesmo, com o Outro e com o Mundo, dentro da dinâmica de troca e de diálogo, me revela a dimensão da responsabilidade, esse impulso por responder de forma cada vez mais criativa e generosa, à medida que me realizo como ser livre.

Talvez o foco não seja tanto no “*o quê*”, mas no “*a partir de quê*” e no “*para quê*”. Não poderia nos trazer ganhos, em uma primeira etapa, deslocar a nossa atenção do ato sexual em si, para a motivação anterior, gerada por uma consciência pré-posta, bem formada ou não que alimentou a ação, e para a finalidade que visava, em inter-relação ao projeto de vida e ao desenvolvimento da personalidade? Se a consciência dessa pessoa receber bons princípios de julgamento e escolha ética e, assim, amadurece de modo a levar sua portadora a um sadio florescimento de suas potências, em um espírito de responsabilidade, não teremos alcançado a nossa intenção inicial, qual seja, o bem-estar do ser humano em questão e da comunidade que lhe envolve?

O Concílio Vaticano II desenvolve o conceito de responsabilidade, em relação à fidelidade e à liberdade criativas, como expressão da autoconsciência do homem de ser criador e autor da cultura a que pertence, como parte de sua comunidade respectiva, e como expressão da solidariedade e empatia que sente, a partir do aprofundamento de sua vivência cultural e ontológica, em direção aos irmãos e no pulsar do mundo e da história. Especialmente na *Gaudium et Spes*, destaca que o homem se sente responsável por todo o gênero humano e pela tarefa de promover e a paz no planeta, à medida que ausculta os sinais dos tempos, escutando livre e fielmente a voz de sua consciência. Sensível às necessidades do momento histórico e do Outro, em sintonia com a vocação que descobre em seu íntimo, exerce a sua liberdade criativa, como cocriador, pois se empenha, através de todas as suas habilidades e produções, por sua autorrealização de acordo com a dignidade que carrega, pelo bem comum e pelo congraçar-se da comunidade humana (cf. CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, 1997).

Esse descobrir-se uno na humanidade e esse descobrir-se a si mesmo brota sobretudo, segundo à GS, do seguimento vivo de Cristo, de um agir, de uma ética, que se faz pelo diálogo e pela vivência em conjunto. Corpo e mente se integram para abraçar o mundo e levá-lo à perfeição pela graça espiritual que tudo assume e renova. Perfeição que se traduz pela promoção da paz e justiça, e pela multiplicação dos diversos dons e talentos, em nosso contexto, em vista da expansão do Reino, que “fermenta” lenta e concretamente em nosso dia a dia.

Com essa reflexão moral e teológica sobre a sexualidade, de modo integral e não moralista, vimos como não

se pode impor regras a todo custo, mas também como não se pode, por outro lado, no outro extremo, defender um total *permissivismo*, que prescindia da responsabilidade, como dimensão fundamental e libertadora. Veremos, a seguir, como vencer a violência que reina em nossa sociedade atual, pervade todas as dimensões do cotidiano (todas as classes, todos os setores de trabalho, todas posições familiares, todos contextos, etc) e fere direitos fundamentais, mas sem recair em tal armadilha dupla: nem autoritarismo, nem frouxidão moral.

## VIOLÊNCIA

Por que, em uma cidade como o Rio de Janeiro, ou em um país como o Brasil, sofremos tanto com a violência e com o crime? Por que temos tanto medo? Por que diariamente temos os nossos ouvidos ou até os nossos olhos “violados” por notícias tão cruentas e tão macabras? Mas será que a violência é só privilégio das ruas ou de camadas menos favorecidas, muitas vezes sujeitas a um condicionamento social de forte negatividade? O que dizer da violência doméstica – e não nos referimos aqui necessariamente aos casos extremos, aos casos de violência física – ? Não haveria uma dimensão de lamentável violência em nossas discussões entre pais e filhos, entre marido e mulher, entre irmãos e demais parentes? E também não haveria em outros ambientes “micro”, como no trabalho, em grupos de amigos, clubes, igrejas, condomínios e associações? Não é a violência a raiz do mal na sociedade, do rebaixamento, da sujeição, do assujeitamento, da humilhação, da servidão, da violação de dignidades e da escravidão – de pessoas, grupos, povos e nações?

Desse difícil fenômeno, aproximar-nos-emos através do olhar do sociólogo francês, René Girard, autor da fundamental tese do *desejo mimético*, que perpassa as áreas da Filosofia, da Antropologia, da História, da Religião, etc (cf. GARCIA RUBIO, 2008).

Independentemente de o pecado original haver tido um momento originário na história, o seu drama se repete na vida de cada homem, de cada criança que vem ao mundo. Já na infância, a violência, que, em última instância, gera o mal, teria origem no *desejo* da criança. Mais que estar ligado a um instinto de sobrevivência e preservação, o desejo estaria ligado também a uma intenção de *imitar* o adulto que deseja, tomar para si os desejos alheios, desejar o que o outro deseja. Por exemplo, posso nunca ter desejado um *smartphone*, até porque consigo levar bem a minha vida com um celular que é tão-só um *celular* (instrumento que me permite efetuar ligações telefônicas), mas, à medida que os outros começam a usá-lo e passo a ser exposto a isso, começarei inevitavelmente a desejar um *smartphone* também. Se não consigo satisfazer o meu desejo a curto prazo, tenderei a invejar aquele que o tem, encontrar formas de desprezá-lo (por uma “dor de cotovelo”), isto é, a ter raiva dele. Daí a violência que está na base do lado negativo desse desejo que é *mimético*.

Mas a gênese da violência não para por aí. Esse drama individual ou privadamente intersubjetivo acaba ganhando uma dimensão social, quando o *diferente*, que não tem o mesmo comportamento, hábitos e crenças do coletivo, que não imita os outros, torna-se alvo de uma reprovação coletiva, de um ódio social e, por fim, de um desejo orientado à sua eliminação. Eis o *bode expiatório* em si mesmo, que está sempre pronto para imergir e sofrer em nossas relações. É a projeção de nossas frustrações. Começa como o destinatário da fofoca, do *bullying*, e da exclusão, para ser, no fim, executado no altar da indiferença, da massa anódina que quer tudo uniformizar, mesmo à custa da brutalidade.

Esse conflito, essa “engenharia” da violência, só pode ter solução mediante o testemunho do Pobre de Nazaré; desse Jesus que se autoentrega como Cordeiro, como *bode expiatório*, para mostrar, em seu silêncio, a revelação mais sonora de todas: não é a violência que resolve o mistério do homem, do sujeito. O seu “virar a outra face”, inocente, sincero, e voluntário, tira da mente do agressor qualquer pretensão de fazer dele uma ameaça. Ele não unia e acolhia os homens, as mulheres, como um farsante, por mera demonstração e exercício de poder, e, assim, devia ser eliminado. O seu testemunho da paz, da harmonia, da não violência e do entendimento mútuo era autêntico.



Por isso, a Igreja Católica, juntamente a outras igrejas cristãs, tanto insiste que a verdadeira paz não surge com uma simples cessação de conflitos, com um aparente estado de tranquilidade que não será duradouro, mas sim, com uma transformação real dos *indivíduos* e das relações, que se orienta para o engendramento de uma harmonia profunda, convincente e agregadora. E o trabalho do sujeito sobre si mesmo, o não julgar os irmãos antes de olhar para os seus próprios defeitos e trabalhá-los, o despojamento do ego ensinado por Jesus, em prol do serviço, é o primeiro passo para uma maturidade pessoal e afetiva que inevitavelmente promoverá uma cultura e um clima de paz. A partir daí, a concretização e a assimilação dos Direitos Humanos terão facilmente passe livre, em um caminho aplainado pelo Senhor.

## CONCLUSÃO

Jesus, por ser divino, foi o mais humano dos homens. Sempre buscou estar próximo aos mais sofridos e flagelados, e nunca deixou de enxergar a dignidade intrínseca de cada ser humano. Com essa boa fundamentação para o nosso diálogo entre Teologia e Direitos Humanos, apropriamo-nos do olhar da Teologia Fundamental, conhecimento teológico que investiga as motivações e contribuições da fé à luz das diversas culturas, dos diversos saberes, das demais ciências e das demais religiões.

Embora pudéssemos nos dedicar a variados temas, escolhemos aquele direito humano que poderia ser o principal obstáculo para a compreensão da fé e da religião nos dias de hoje, o da Sexualidade (mas grande propulsor, se bem compreendido), e aquele que é o principal desafio à promoção dos direitos humanos e da dignidade de cada pessoa, o da Violência.

Reafirmamos e revalorizamos a sexualidade como eixo estruturante da personalidade, como dimensão fundamental para o seu bom desenvolvimento, que não se opõe à fé ou à religião. Antes, apontamos que a fé e a religião estão preocupadas, no fundo, com a boa conduta ética e com a boa formação das consciências. É possível viver a sexualidade de forma sadia, mas com responsabilidade. Sem complexo de culpa, mas com o compromisso de integrá-la de forma equilibrada à personalidade. Jesus nos mostra o perigo do legalismo farisaico, mas também não deixa de indicar o caminho da verdadeira vida, daqueles que se esforçam, aos trancos e barrancos, por se tornar terrenos férteis à graça, à força inspiradora do Pai.

Denunciamos a violência como principal causa do mal-estar social e da violação dos direitos humanos fundamentais. Não apenas uma violência localizada; ocasional, embora frequente, das ruas e das zonas de risco, mas aquela violência que permeia as nossas relações e se embute até mesmo em nossa natureza! Como vimos, de acordo com a teoria de René Girard, essa tendência à violência brotaria da natureza do desejo que acompanha o comportamento do ser humano, que é mimética. O desejo tende a imitar o outro, e até suprimi-lo. Processo que, no coletivo, ganha a proporção de perseguir um *bode expiatório* e querer executá-lo. Apenas uma vítima sem mancha, que revela o homem a si mesmo, que mostra ao agressor que nada de supostamente culpado pode nela achar -- apenas uma vítima que rompe com esse ciclo de violência pode nos oferecer a verdadeira paz, condição necessária para a promoção dos direitos humanos, e parte integrante de seu escopo.

Precisamos que o Deus que se fez humano se encarne continuamente em nossas lutas humanas, em nossos dramas cotidianos, em nossas utopias místicas e concretas, e por que não nos direitos humanos?

### O DEUS QUE SE FEZ HUMANO: UMA TEOLOGIA QUE ENCARNA OS DIREITOS HUMANOS

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, ONU, 1948

GARCIA RUBIO, Alfonso. *A caminho da maturidade na experiência de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2008.

HÄRING, Bernhard; MIRANDA, Luiz Antônio. *Livres e fiéis em Cristo: teologia moral para sacerdotes e leigos*. : São Paulo: Paulinas, 1984.

MOURA, Wagner. *PM é treinada para proteger o Estado, não o cidadão: depoimento*. [2015]. Local de publicação: *Revista Forum*. Entrevista concedida a Máira Streit. Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/semanal/wagner-moura-pm-e-treinada-para-proteger-o-estado-nao-o-cidadao/> . Consultado em 22 de janeiro de 2016.

PAGOLA, Antonio José. *Perfil humano de Jesús - 1*, 2016. Disponível em <http://www.gruposdejesus.com/perfil-humano-de-jesus-1/> . Consultado em 10 de janeiro de 2016.

VIDAL, Marciano. *Ética teológica: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1999.

VILLEY, Michel. *O Direito e os direitos humanos*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.